

Recessão com inflação

Além de agravar a recessão, a alta dos juros combina-se com ela para produzir um fenômeno que tende a se expandir caso não haja uma recuperação das atividades da economia: o pagamento de dívidas não com dinheiro, mas com ativos, como veículos e imóveis. O devedor usa essa forma de pagamento por não dispor de dinheiro, visto que seus negócios despencaram e os juros, no nível em que estão, tornam proibitivos novos empréstimos; o credor a aceita para evitar que a situação se agrave. Como mostrou reportagem do **Jornal da Tarde**, há empresas dos ramos de confecções e de alimentos que admitem ter realizado esse tipo de negócios. Uma investigação mais aprofundada talvez revele outras "moeidas" empregadas na quitação de débitos, como máquinas e equipamentos.

Os números da indústria e do comércio indicam pequena melhora nos negócios em agosto, mas essa melhora está longe de configurar uma tendência. Não se confirmaram as expectativas de que o retorno dos cruzados novos à economia promoveria um reaquecimento expressivo da atividade econômica, com o aumento do consumo.

Embora o Indicador do Nível de Atividades da indústria paulista tenha apresentado aumento de 0,3% em relação a julho, alguns componentes importantes desse índice calculado pela Fiesp mostram que a situação continua se agravando. As vendas da indústria, por exemplo, caíram 11,4% em relação a julho e 13,4% em relação a agosto do ano passado. Nos oito primeiros meses deste ano, o total de pessoal ocupado caiu 8,7% em relação a igual período do ano passado, as horas trabalhadas na produção diminuíram 11%, a massa salarial foi reduzida em 15,7% e as vendas reais encolheram 1,8%. É bom lembrar que essa comparação é feita com o período janeiro-outubro de 1990, quando a produção real da indústria de transformação brasileira era 8,7% menor do que a de igual período de 1989.

Setembro não deve apresentar resultados significati-

vaamente melhores do que os de agosto. Num momento em que deveriam estar recheando suas carteiras com pedidos do comércio, que em condições normais já estaria se preparando para as vendas do final do ano, as indústrias fazem promoções inusitadas em termos de prazos e preços, como forma de evitar a queda nas vendas ou até a suspensão de encomendas.

E outubro, na previsão de dirigentes do comércio, deve ser ainda pior. O comércio previa que, em agosto, suas vendas cresceriam 4%. Mas a alta dos juros retraiu os negócios a partir da segunda quinzena do mês e o aumento ficou em apenas 2,25%. A retração persiste neste mês, o que fará com que caiam ainda mais os pedidos à indústria, afetando os resultados de outubro.

O aprofundamento da recessão brasileira ocorre num momento em que estudo divulgado pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) mostra que a tempestade econômica que assolou a região nos últimos dez anos já passou — com apenas duas exceções: o Brasil e o Peru. Países como o México, o Chile, a Venezuela, a Argentina e a Costa Rica, entre outros, enfrentaram problemas muito semelhantes aos do Brasil — dívida externa, déficit público, inflação, recessão —, mas já conseguiram livrar-se deles. Se não apresentam índices inflacionários como os dos países industrializados, certamente os reduziram a níveis baixos para os padrões latino-americanos. Promoveram reformas, abriram-se para os investimentos e os mercados internacionais, e voltaram a crescer.

Aqui, no entanto, continuamos atolados nos mesmos problemas que nos afligiam no início da década passada, ou até piores, visto que a recessão parece mais profunda do que a do início dos anos 80 e a inflação não dá sinais de que vai ceder. Não sem razão, aumenta o coro dos que perguntam qual o sentido de, para combater a inflação, se manter uma terapia recessiva que ceifa empregos, quebra a produção, aumenta a miséria, mas parece não ter forças para quebrar a inflação.